

O incêndio na Faculdade de Ciências

Uma semana antes teria sido pior

Rui Letria Dias

A destruição quase completa das velhas instalações da Faculdade de Ciências veio chamar, uma vez mais, a atenção para a quase inexistência de condições de segurança na maioria dos edifícios públicos. No entanto, as aulas irão continuar, conforme vontade manifestada pelos alunos, professores e trabalhadores daquela escola e, também, pelo MEC.

O incêndio que destruiu o velho edifício localizado na Rua da Escola Politécnica, começou cerca de uma hora da madrugada, num pavilhão construído no pátio formado pelos antigos claustros do edifício. Terá sido nessa construção provisória (edificada há 14 anos e que era revestida de esferovite) que o vigilante da noite detectou o fogo. Quando voltou da rua, aonde se dedicava para telefonar aos bombeiros, todo o pavilhão constituía já um archoote imenso e o fogo começava a espalhar-se pelo edifício.

Apenas numa das avenidas que contornam o velho imóvel existem bocas de incêndio, que tinham começado a ser montadas em Agosto e cuja instalação somente na semana passada ficara terminada. "Como isso não tivesse acontecido —, dir-nos-ia um dos elementos da Comissão Directiva —, não sei o que se passaria". Na realidade, na ala em que as bocas de incêndio não estavam ainda montadas, o edifício ardeu completamente, até porque os carros de bombeiros não puderam entrar nessa zona, em virtude de haver valas abertas na avenida e, ainda por portões de acesso à rua não permitirem a passagem dos carros tanques de maior volume, não obstante, num relatório pedido pela Comissão Directiva, os bombeiros terem preconizado, entre outras coisas, o alargamento dos portões, para que se pudesse combater um possível incêndio.

Aliás, nesse relatório, os bombeiros preconizavam a instalação de extintores em diversas zonas do edifício, o que foi feito pela Comissão Directiva; a colocação de bocas de incêndio que, como se afirmou, demoraram quase oito meses a serem montadas apenas em uma ala do edifício; a instalação de um sistema de detecção de incêndios e a abertura dos portões. O não acatamento de algumas destas recomendações pelos departamentos responsáveis (Direcção-Geral das Construções Escolares) fez com que o incêndio não pudesse ter sido combatido da forma que se impunha.

Nessa ala (a do lado do Príncipe Real) em que não houve possibili-

dade de combater o fogo, pelas razões apontadas, estava localizado o Museu Bocage, que possuía peças únicas no Mundo, na maioria trazidas de África e, também, do Brasil. Iguamentalmente o laboratório de Física, a secção de Matemática, as salas de Zoologia, foram completamente destruídas pelo fogo que apenas deixou as paredes mestras intactas.

Desconhecida a origem do fogo

A origem do fogo não residiu, sabe-se, num curto-circuito, já que a energia eléctrica é desligada na escola a partir das 22.30, como fez, habitualmente, o encarregado pela segurança. Reivindicado para a Anop por um elemento que se intitulou como porta-voz da Codeco, uma organização de extrema-direita, o telefonema estava, no entanto, cheio de contradições, relativamente ao que realmente se passou.

Na verdade, o desconhecido que fez o telefonema para a agência noticiosa portuguesa, depois de salientar que a organização a que disse pertencer lançara o fogo porque não admitia "a traição do CDS no Governo", afirmou, ainda, que o incêndio deflagrara numa dependência ao lado da sala de Desenho (facto que não aconteceu) e que tinha já avisado a Polícia e o "115", o que viria a ser desmentido pelos responsáveis por estes serviços. Por outro lado, sabe-se ainda que o incêndio foi já reivindicado por outras organizações desconhecidas, de entre elas um grupo, presumivelmente de direita, que se intitula de "Movimento do 25 de Abril", que várias vezes telefonou para a Anop a "reclamar" o atentado.

Aliás, a origem do fogo poderá permanecer, para sempre, no desconhecido. Na inspecção que fez dois dias depois às ruínas do edifício, o comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, coronel Teixeira Coelho, afirmaria, nomeadamente, que "é completamente impossível descobrir quaisquer indícios que nos levem a conclusões firmes sobre as origens do incêndio, dado que, como se vê, está tudo cal-

cinado".

Falando sobre o tipo de construção onde o incêndio terá tido o seu início, o coronel Teixeira Coelho observou que "a localização do pavilhão e a sua construção é um verdadeiro crime, o que nunca teria sido permitido se a Inspecção de Incêndios pudesse ter uma palavra a dizer sobre as construções que se efectuam nos edifícios públicos, que estão à margem dessas inspecções".

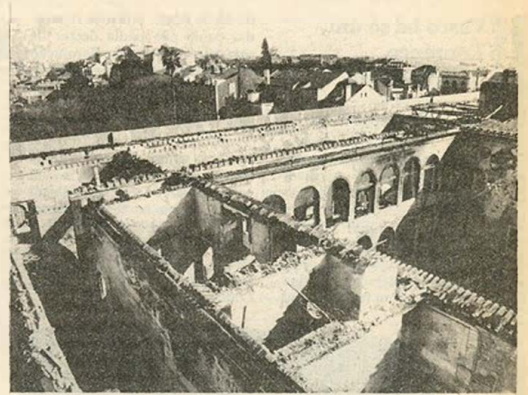
Anteriormente, os bombeiros tinham, também, já chamado a atenção para o perigo que constituem diversos edifícios públicos em caso de incêndio (Museu do Trajo, Palácio Foz e Teatro de S. Carlos) e, ainda, toda a zona da Baixa pomalina, onde têm sido feitas modificações, sobre as quais poderá não ter havido um controlo feito nas melhores condições.

De qualquer modo, e ainda em

recente plenário geral de professores, alunos e trabalhadores da Faculdade de Ciências, foi mais uma vez salientado que a Escola não parará a sua actividade, apesar de só não ter sido atingida pelo fogo a secção de Química e parte da secção de Física. Assim, e tanto quanto se sabe, está em estudo a possível transferência das actividades para as instalações que o MEC possui na Avenida 24 de Julho ou para a antiga Faculdade de Medicina do Campo de Santana.

Entretanto, e enquanto grupos de alunos e de professores tentam salvar dos escombros algum material, a avaliação de conhecimentos relativos ao primeiro semestre tem continuado a efectuar-se num edifício alugado já há anos, mas que, no entanto, não oferece as melhores condições para funcionamento de uma escola superior.

Numa conferência de Imprensa,



Faculdade de Ciências, após o incêndio. Os bombeiros tinham avisado...

um dos elementos do Conselho Directivo, pôs em relevo o interesse em que o edifício da nova Faculdade de Ciências, previsto para a zona da Cidade Universitária, fosse dispensado das formalidades burocráticas, tal como sucedeu com a Escola Superior de Medicina Dentária, e que iniciasse, desde já a constru-

ção de dois dos corpos do conjunto. Contactada, entretanto, a PI, que está a desenvolver investigações sobre as causas do fogo, já que existem suspeitas de ter origem criminosa, um porta-voz daquela corporação adiantou que até este momento, não havia declarações a fazer sobre este caso.

Defendida a criação de um Instituto de Ciências da Educação

Defendendo a necessidade de ter para com a criança "uma actuação não mecânica, mas sim adaptada", o I Congresso Nacional para o Desenvolvimento da Criança, realizado na semana passada em Lisboa, recomendou ao Estado que não defina linhas futuras de actuação neste domínio "sem ter em conta a perspectiva rica, polivalente e cientificamente comprovada de Jean Piaget. Entre as conclusões, assinala-se a defesa da criação de um Instituto de Ciências da Educação".

Realizado por iniciativa da CERCI (Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas) de Lisboa, o Congresso reuniu cerca de mil participantes de vários países, e os trabalhos atingiram um alto nível científico, pouco vulgar em actividades deste género em Portugal. "Pela primeira vez vi um Congresso animado e dinâmico, mas o que aqui se fez não se pode perder, tem de ser fermentado para outros investimentos" — assinalou o director do Instituto Nacional de Investigação Científica, prof. Miller Guerra, na sessão de encerramento, presidida, no sábado passado, pelo ministro da Educação, dr. Mário Sottomayor Cardia. O Congresso (o primeiro de uma

série regular, da iniciativa da CERCI de Lisboa) quase não contou com subsídios, assinalando o programa apenas o apoio do Gabinete do ministro da Educação e Cultura, do Banco Totta & Açores e da TAP. Recorda-se, aliás, que a realização do Congresso foi recebida com algum ceticismo em muitos meios, nomeadamente nos meios oficiais, mas o trabalho desenvolvido ao longo de cinco dias, a participação activa e interessada dos participantes (entre os quais alguns dos nomes mais importantes da psicologia europeia) e as conclusões apresentadas foram mais do que suficientes para dissipar aquele ceticismo.

Decorrendo sob a égide de Piaget

(nomeado presidente honorário, o grande mestre suíço fez-se representar pelo prof. Gil Henriques, do Centro de Estudos de Epistemologia Genética de Genève), o Congresso foi dividido em quatro áreas: Epistemologia e Psicologia Genéticas; Psicossociologia; Psicopatologia; Psicopedagogia. No total, foram apresentadas 43 comunicações, das quais sete por portugueses.

Psicologia do desenvolvimento

Entre as recomendações do Congresso, merece relevo a que se refere à criação de grupos de estudo para continuarem os trabalhos do Congresso, com vista à transformação do sistema escolar. Considerou-se, por outro lado, que a Psicologia do Desenvolvimento deverá ser a disciplina-chave do curso de Psicologia, tendo-se defendido ainda a sua introdução nos cursos de Medicina e de Jurisprudência.

Finalmente, foi recomendado aos poderes públicos que procurem so-

lucões extra-institucionais para resolver o problema dos inadaptados, optando por soluções descentralizadoras e inseridas nas comunidades locais e, aos congressistas, que "sejam autênticos transformadores, orientando o seu trabalho pela perspectiva fecunda e rica de Jean Piaget".

Entre as conclusões aprovadas, deve assinalar-se uma moção propondo a criação de um Instituto de Ciências da Educação, aprovada na área de Psicossociologia.

Concluiu-se também que a teoria piagetiana pode ser utilizada em psicologia social numa perspectiva dupla: ver até que ponto poderá ser útil ao estudo psicossocial do desenvolvimento e, por outro lado, analisar de que maneira o estudo dos fenómenos sociais poderá pôr problemas novos à concepção piagetiana.

Na área de psicopatologia, concluiu-se pela necessidade de que a "construção dos modelos psicológicos seja feita a partir de dados experimentais e clínicos, mas recolhidos com uma metodologia adequada aos problemas que se põem".

As conclusões da área de psicopedagogia indicam que "a maior parte dos congressistas acentuou as limitações da teoria piagetiana quando se tenta aplicá-la à educação", concluindo-se no entanto, que "o conhecimento pelos responsáveis da educação da teoria de Piaget poderia permitir uma maior adequação dos programas à evolução geral da criança".

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS AO PÚBLICO EM GERAL OS BANCÁRIOS VÃO ENTRAR EM GREVE

Tal decisão, conscientemente assumida, surge como o último recurso para defender interesses que, transcendendo largamente o âmbito do seu sector restrito, são de todos os Trabalhadores Portugueses.

Não estão em Causa Aumentos Salariais
Não estão em Causa Privilégios de Classe
Não estão em Causa Irrelevantes Questões de Pomenor

Os Bancários vão para a greve, porque a entidade patronal se propõe, ao nível de negociação do seu CCT (que, datando de 1973, vem sendo negociado desde Novembro de 1976), recuperar uma posição que lhe coloca nas mãos o uso e abuso indiscriminado do poder desicionário, com que antigamente dispunham, a seu bel-prazer dos trabalhadores, nomeadamente:

- REMUNERAR DE FORMA DIVERSA FUNÇÕES IGUAIS;
- PROMOVER TRANSFERÊNCIAS DE FORMA ALEATORIA E INJUSTIFICADA;
- MANTER OS BANCÁRIOS NUM ESQUEMA PREVIDENCIAL, A NIVEL DO CCT QUE OS DEIXA SEM A NECESSÁRIA SEGURANÇA DE REFORMA SE MUDAREM DE PROFISSÃO.

Estes são alguns dos cordelinhos com que "os novos donos da banca" fazem questão de manejar a ex-dualva medida dos seus apêlites.

Por tudo isto é que, clientes, embora dos inevitáveis efeitos negativos desta medida, que deploramos, pelos prejuízos que eventualmente venham a causar a quem dos acontecimentos não tem qualquer responsabilidade, desejamos e sentimos merecer a solidariedade de todos aqueles que, vivendo da sua actividade profissional, desejam ver banidos definitivamente das relações de trabalho a arbitrariedade e as situações de compadrio.

A TODOS LANÇAMOS ESTE ALERTA:

O problema com que nos debatemos, não é um fenómeno isolado. Hoje no Sector do crédito, amanhã nos restantes sectores, não temos dúvidas que ele se insere numa estratégia mais ampla de regresso ao passado, com que nenhum trabalhador deste País, que queremos Democrático, se pode permitir contemporizar.

Lisboa, 20 de Março de 1978

A Direcção Assinatura Ilégitima

Completando do modo mais perfeito a pequena série de iniciativas com que pôde comemorar os seus dez anos de actividade, numa homenagem justíssima a um grande artista do nosso tempo e ao "designer" que individualizou magnificamente as suas edições no panorama editorial português, a Editorial Inova orgulha-se de publicar um Catálogo que acompanha e pôde servir de introdução, num jeito de cicerone, à exposição de

ARMANDO ALVES

que se encontra na Galeria do "Jornal de Notícias", no Porto, de 15 de Março a 4 de Abril de 1978.

Este catálogo reproduz a cores doze trabalhos de Armando Alves e diversa documentação fotográfica a preto e branco; e inclui dois poemas inéditos de Eugénio de Andrade e textos inéditos de Eduarda Clote, Fernando Pernes, Jorge Lima Barreto, José Augusto França, Luísa Dacosta e Vasco Graça Moura. 250\$00.